

Um final feliz

16 SET 1988

Aluízio Napoleão

JORNAL DE BRASÍLIA

Antes mesmo das eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, em fins de 1986, tive ocasião de dizer, em artigo, que a experiência de nosso passado, com as constituições de 1824, 1891, 1934 e 1946, demonstrou que, apesar dos reveses dos tumultos, desavenças perigosas, exaltações violentas, os trabalhos dos constituintes foram coordenados pelas melhores cabeças e que a ação conciliadora, característica do povo brasileiro triunfou, desfazendo as possibilidades de conflitos deletérios e animosidades improdutivas. Dizia, também, que a atitude discreta dos militares mostrava o amadurecimento do País na atualidade com a consciência de que o único caminho a seguir era o da democracia, da lei e da ordem, através do exercício da soberania popular. Creio que não incide em erro, quando assim manifestei a crença de que seus trabalhos, apesar das dificulda-

des, após o longo interregno autoritário, chegassem a bom termo, após difícil e complicado labor.

Concluída a elaboração da Carta Magna de 1988, como resultado das tendências atuais da sociedade como um todo, devemos felicitar os constituintes, não podendo deixar de ressaltar a decisão da convocação da Constituinte pelo presidente José Sarney e sua habilidade em conduzir a transição democrática sem intervir no seu trabalho, embora tenha feito sentir, como o cidadão que ocupa a mais alta função do País, sua opinião com toda a clareza, tendo a sabedoria de manter uma prudência política que evitou atizar os conflitos que, em vários momentos, envolveram os constituintes. Suas atitudes, ao debater as dificuldades com Ulysses Guimarães, contribuíram para que as atividades dos legisladores não fossem pertur-

badas. Coube a este, porém, como condutor daqueles trabalhos, em constantes vigílias, contribuir decisivamente para o desfecho feliz da elaboração da nova Constituição do País, que concede direitos e impõe deveres aos cidadãos, dentro de um regime de liberdade ansiado durante a bela campanha cívica conduzida pelo saudoso Tancredo Neves.

Ulysses Guimarães mereceu o elogio da imprensa, quando Ignácio de Aragão disse que conduziu a nave da Constituinte até o cumprimento de sua palavra de luta, ao mesmo tempo em que João Emílio Falcão afirmava que, se não houve choques irreversíveis, nem incidentes definitivos, deve-se à sua paciência, à humildade discreta, ao desejo de ser justo com todos. Tivemos, assim, como disse, um final feliz, com bandeira, hino e papel picado. *Alea jacta est!*